

IMPACTO DA INOVAÇÃO NO DESEMPENHO FINANCEIRO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE EMPRESAS PREMIADAS NO VALOR INOVAÇÃO BRASIL E EMPRESAS QUE DIVULGAM SEUS DADOS PARA A CVM

EDUARDO HENRIQUE CORDEIRO FERNANDES

Universidade Federal de Minas Gerais

RENATA TUROLA TAKAMATSU

Universidade Federal de Minas Gerais

TÂMARA LEAL RIVERES

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

A inovação tem se consolidado como um dos principais motores de crescimento e competitividade no cenário empresarial brasileiro. O Prêmio Valor Inovação Brasil, organizado pela PwC Strategy& em parceria com o Valor Econômico, classifica anualmente as empresas mais inovadoras do país com base em quatro pilares: Planejamento, Execução, Resultados e Reconhecimento. No entanto, apesar dos ganhos teóricos amplamente apontados como maior produtividade, geração de valor e competitividade, as pesquisas empíricas que avaliam a relação entre inovação e desempenho financeiro apresentam resultados heterogêneos. Diante dessa disparidade, este trabalho investiga se o reconhecimento por inovação contribui para explicar o desempenho financeiro das empresas, medido pelo retorno sobre o patrimônio líquido (ROE). Para tanto, foi realizada pesquisa documental envolvendo 312 empresas de 23 setores, com dados de 2021 a 2023. Foi empregada uma regressão logística para estimar a probabilidade de uma empresa apresentar desempenho financeiro superior, a partir de fatores como premiação por inovação, imobilização do patrimônio líquido, liquidez e participação no novo mercado. Os achados buscam oferecer subsídios para gestores e formuladores de políticas públicas no desenvolvimento de estratégias de inovação que conciliem reconhecimento institucional e sustentabilidade financeira.

Palavras chave: Inovação; desempenho financeiro; Valor Inovação Brasil; eficiência operacional; CVM.

1. Introdução

A inovação é amplamente reconhecida na literatura como a principal força motriz do crescimento capitalista e a fonte fundamental de vantagem competitiva sustentável para as empresas (Schumpeter, 1997; Conto, Júnior; & Vaccaro, 2016). Em um cenário de rápida evolução tecnológica e de mercado, marcado pela intensificação da transformação digital e das demandas por sustentabilidade (Riccotta & Costa, 2022), a capacidade de inovar de forma contínua é um diferencial crítico para a sobrevivência e liderança organizacional (Moreira & Stramar, 2014; Fonseca, 2003).

Considerando a ampla importância atribuída à inovação no contexto empresarial, diversos estudos empíricos têm buscado avaliar seu impacto no desempenho financeiro das organizações. A maior parte dessas pesquisas indica efeitos positivos da inovação, reforçando sua relevância para a competitividade e sustentabilidade organizacional (Silva & Santana, 2016; Santos et al., 2023; Gurgel, 2021; Castro, Silva & Paula, 2020; Carmona & Gomes, 2021). No entanto, também existem evidências de resultados heterogêneos, com algumas

investigações apontando ausência de relação direta ou a ocorrência de efeitos somente no longo prazo (Floriani et al., 2013; Terra et al., 2015; Santos et al., 2016).

Apesar do consenso sobre a relevância da inovação, sua mensuração empírica e a avaliação de seu impacto no desempenho financeiro são complexas e resultam em achados heterogêneos. A maioria dos estudos utiliza *proxies* contábeis (como gastos com P&D) ou dados de patentes, que não capturam a inovação em sua totalidade como cultura, processos e gestão estratégica. Nesse contexto, ferramentas de avaliação institucional, como índices e *rankings* (Gurgel, 2021), emergem como alternativas promissoras para sinalizar a excelência inovadora.

Nesse cenário, o Prêmio Valor Inovação Brasil, promovido pela PwC Strategy& em parceria com o jornal Valor Econômico, constitui uma das principais referências nacionais no reconhecimento de práticas inovadoras, avaliando empresas de diversos setores com base em critérios como planejamento, execução, resultados e reconhecimento. O presente estudo utiliza a premiação como indicador de inovação para comparar o desempenho financeiro de empresas premiadas e não premiadas que divulgam suas informações à Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Assim, formula-se a seguinte questão de pesquisa: **o reconhecimento institucional da inovação está associado a um desempenho financeiro superior, medido pelo retorno sobre o patrimônio líquido (ROE)?**

A relevância deste estudo manifesta-se em âmbitos acadêmico, gerencial e pública. Academicamente, o trabalho contribui para o avanço da teoria ao endereçar a heterogeneidade de resultados sobre a relação inovação-desempenho (Brito et al., 2009), validando o uso do Prêmio Valor Inovação Brasil como uma *proxy* eficaz de excelência em gestão da inovação. Do ponto de vista gerencial, o estudo fornece subsídios para que líderes organizacionais avaliem de forma mais precisa os efeitos da inovação sobre a competitividade, apoiando a tomada de decisões estratégicas (Vieira et al., 2019). Ademais, ao propor modelos de avaliação baseado no desempenho do mercado, este estudo pode apoiar gestores na tomada de decisões gerenciais relacionadas à inovação.

Por fim, no âmbito público, essa pesquisa pode servir como ponto de partida na tomada de decisão do Estado em relação as políticas que fomentam à inovação. Conforme Cavalcante et al. (2017), o Estado pode desempenhar diferentes papéis no incentivo à inovação, seja como regulador, estabelecendo normas que promovam boas práticas, ou como agente catalisador, incentivando iniciativas como o fomento de *startups* e melhorias incrementais em processos produtivos. Ao compreender e confirmar se a inovação influencia de fato o desempenho financeiro, as políticas públicas podem ser direcionadas de maneira mais eficiente.

2. Revisão da Literatura

2.1 Teoria do Desenvolvimento Econômico

A inovação é reconhecida como um fator central para o desenvolvimento econômico, sendo estudada pela ciência econômica desde seus primórdios (Da Silva, 2022). Entre os teóricos que se dedicaram ao tema, Joseph Schumpeter se destaca por situar a inovação como força motriz do crescimento capitalista por meio do conceito de destruição criadora, processo no qual novas inovações substituem estruturas econômicas existentes, promovendo transformações concretas na economia e na sociedade (Schumpeter, 1939; Schumpeter 1997).

Em sua concepção, a inovação transcende a mera invenção, a descoberta técnica, implicando a implementação bem-sucedida no mercado (Kim & Nelson, 2005). Para Schumpeter (1982), a inovação se manifesta concretamente por meio da introdução de novos produtos, processos, e novas formas de organização. Essa visão abrangente é fundamental, pois coloca a inovação como um fenômeno de gestão e estratégia, e não apenas tecnológico, sendo

a base para a obtenção de vantagem competitiva sustentável no ambiente de transformação digital (Conto, Júnior & Vaccaro, 2016).

As ideias schumpeterianas permanecem atuais, influenciando análises contemporâneas sobre o impacto da inovação nas estratégias empresariais e no contexto brasileiro. Estudos recentes analisam a aplicação de seus conceitos para a dinâmica inovativa e a geração de receitas em setores industriais no país (Lopes & Conceição, 2023; Souza e Areas, 2023; Vargas et al., 2024).

Assim, compreender a inovação a partir da perspectiva schumpeteriana permite reconhecer seu papel como força estrutural de mudança e fornece as bases conceituais para análises que buscam mensurar os impactos da inovação sobre o desempenho econômico, como se propõe este estudo (Da Silva, 2022).

2.2 Inovação e Desempenho Financeiro

A inovação é um conceito complexo e multifacetado (Brito et al., 2009) que se manifesta em diferentes níveis e perspectivas. Estrategicamente, ela está diretamente associada à busca por vantagens competitivas duradouras, ao posicionamento da empresa e à diferenciação no mercado (Cintra & Barbosa, 2012). Conforme a literatura, a inovação é compreendida como um processo contínuo e estratégico, capaz de transformar ideias em soluções que geram valor econômico para as organizações. Ela representa um fator essencial para a sustentabilidade e o crescimento financeiro das empresas, ao possibilitar maior rentabilidade e melhor posicionamento no mercado (Simantob & Lippi, 2003). Por esta razão, organizações que incorporam a inovação de forma contínua e estruturada tendem a apresentar maior resiliência e performance superiores no longo prazo (Conto, Júnior & Vaccaro, 2016).

A abrangência do conceito é formalizada pelo Manual de Oslo, elaborado pela *Organization for Economic Co-operation and Development* (OECD, 2005), que define a inovação não apenas em termos de produtos e processos, mas também como novos métodos de *marketing* ou modelos organizacionais. É crucial notar a importância da inovação organizacional, que envolve transformações na estrutura gerencial e na articulação interna (Tigre, 2006). A excelência nessas práticas de gestão é fundamental para que a inovação se traduza em resultados financeiros. De fato, o meio acadêmico tem demonstrado um crescente interesse em investigar a relação entre a inovação e o desempenho financeiro (Agostini et al., 2017), o que reflete sua importância estratégica. Em um ambiente econômico caracterizado por transformações rápidas, como as induzidas pela digitalização, exigências de sustentabilidade (Ricotta & Costa, 2022) e o surgimento da Inteligência Artificial (Rezende & Fernandes, 2025), a capacidade de inovar torna-se um diferencial estratégico.

Contudo, a literatura apresenta resultados diversos e contraditórios sobre a associação entre o grau de inovação e o desempenho financeiro. Por um lado, espera-se uma relação positiva, mas estudos como o de Terra et al. (2015) destacam que a inovação por si só não garante melhores resultados econômicos, pois outros fatores exercem influência significativa sobre a performance. Além disso, outras pesquisas identificaram que a inovação pode se relacionar negativamente com o desempenho financeiro, especialmente ao considerar determinadas *proxies*. Santos et al. (2020) argumentam que os investimentos em P&D e ativos intangíveis podem ter efeitos negativos sobre a lucratividade, dependendo do tempo de maturação, e Jacoski et al., (2014) reforça que os altos custos e riscos associados à inovação, sobretudo em fases iniciais, podem comprometer os resultados no curto prazo.

É nesse contexto de ambiguidade que se torna vital a busca por uma *proxy* que reflita a excelência em gestão da inovação e o reconhecimento institucional, e não apenas o esforço de investimento. Entende-se que o reconhecimento no Prêmio Valor Inovação Brasil pode funcionar como um indicativo de alto grau de inovação organizacional, pois reflete a adoção

sistemática de práticas avançadas, cultura de inovação e resultados obtidos. Dessa forma, a presente pesquisa busca testar o efeito dessa *proxy* de excelência em gestão sobre o retorno financeiro, o que permite formular a seguinte hipótese:

H1: Empresas com maior grau de inovação representado pelo reconhecimento no Prêmio Valor Inovação Brasil tendem a apresentar desempenho financeiro superior às empresas não reconhecidas.

2.3 Estudos Anteriores

A literatura que investiga a associação entre inovação e desempenho financeiro é marcada por achados heterogêneos, refletindo a complexidade do conceito e a dificuldade em sua mensuração (Brito et al., 2009). Diversos estudos nacionais demonstram a ausência de uma correlação direta e imediata entre o *input* inovador e a performance financeira. Floriani et al. (2013), por exemplo, investigaram o impacto de inovações tecnológicas e ações inovadoras em empresas brasileiras, concluindo que nem todas as organizações classificadas como inovadoras foram eficientes em gerar resultados de rentabilidade. Terra et al. (2015) reforçam essa ambiguidade, ao não identificarem uma relação positiva entre inovações de produto e processo e a lucratividade em setores específicos da indústria brasileira.

Essa inconsistência pode ser atribuída, em grande parte, às limitações metodológicas impostas pelas *proxies* tradicionais. Estudos como o de Santos et al. (2016) demonstram que os investimentos em P&D e Ativos Intangíveis de Inovação (AII) frequentemente não apresentam uma relação significativa com a rentabilidade no curto prazo, dada a complexidade do tema e os elevados custos envolvidos. Adriano et al. (2020) complementam essa crítica ao apontar que a divulgação de despesas com P&D, na maioria dos casos, não influencia significativamente o nível de inovação ou o valor de mercado, sublinhando que essas métricas não capturam a inovação em sua totalidade.

Diante da insuficiência das métricas de *input* e *output* tecnológico, a literatura mais recente sugere que a inovação só se traduz em desempenho financeiro superior quando mediada pela qualidade da gestão e pelo contexto. Carmona e Gomes (2021), por exemplo, indicam que o desempenho inovador exerce um papel mediador significativo entre a capacidade de aprendizagem e o desempenho organizacional, ressaltando a importância do processo interno. Nessa linha, Castro, Silva e Paula (2020) identificaram em empresas colombianas que, embora a inovação impacte positivamente o mercado e as questões de custo, são esses impactos que demonstram uma relação direta e positiva com o desempenho financeiro. O contexto regional também se mostra relevante, uma vez que Silva e Santana (2016) e Santos et al. (2023) observaram que fatores regionais e a proximidade a sistemas de inovação potencializam os resultados financeiros das empresas inovadoras no Brasil.

O conjunto desses achados justifica a busca por uma *proxy* que reflita a excelência na gestão da inovação e o reconhecimento institucional, e não apenas o esforço de investimento. Nesse sentido, o trabalho de Gurgel (2021) estabelece um precedente fundamental para esta pesquisa. Ao analisar empresas listadas no Prêmio Valor Inovação Brasil, o autor indicou que aquelas que participaram de ao menos dois anos do *ranking* apresentaram melhor desempenho financeiro, medido por indicadores como ROE e ROA. O resultado de Gurgel (2021) corrobora a tese de que o reconhecimento institucional atua como um sinalizador robusto de uma gestão inovadora eficaz, capaz de superar as barreiras de conversão de investimento em rentabilidade.

Portanto, a presente pesquisa insere-se na literatura ao validar, por meio da análise do Prêmio Valor Inovação Brasil, se a excelência em gestão da inovação está diretamente associada a um desempenho financeiro superior, buscando dirimir a ambiguidade empírica deixada pelos estudos que utilizaram apenas *proxies* contábeis.

3. Materiais e Métodos

Esta pesquisa é classificada como descritiva, bibliográfica e quantitativa, conforme os critérios de Gil (1999). O caráter descritivo desta pesquisa justifica-se pela análise das características das empresas reconhecidas como inovadoras e sustentáveis pelo prêmio Valor Inovação Brasil, bem como compará-las com outras empresas listadas na bolsa de valores brasileira, buscando identificar possíveis diferenças em seus desempenhos. Quanto aos procedimentos metodológicos, além da etapa bibliográfica, que é essencial em qualquer investigação científica (Gurgel, 2021), esta pesquisa é também classificada como documental, pois utiliza dados provenientes de fontes secundárias (Sá-Silva, Almeida, & Guindani, 2009). Entre essas fontes estão a lista das empresas incluídas no *ranking* do Prêmio Valor Inovação Brasil, a listagem das empresas com informações financeiras disponíveis na base de dados abertos da CVM e as demonstrações financeiras padronizadas das empresas selecionadas na amostra que realização a divulgação desses documentos. Será feita uma análise levando em consideração os dados apresentados pelas empresas no período de 2021 a 2023.

Para garantir a consistência dos dados analisados e reduzir o impacto de valores extremos, adotou-se a técnica de exclusão de *outliers* baseada na distribuição normal. Assim, foram considerados *outliers* os valores que se encontravam fora do intervalo definido pela média acrescida e subtraída de dois desvios padrão, para cada variável contínua. Essa abordagem é justificada pelo fato de que, em uma distribuição aproximadamente normal, cerca de 95% dos dados encontram-se dentro desse intervalo (Triola, 2008; Sousa, 2019). A abordagem do problema adota um enfoque quantitativo, com o uso de métodos estatísticos para a análise dos dados. Para testar a hipótese da pesquisa, foi escolhida a regressão logística, sendo utilizado um nível de significância de 5% para avaliar a relevância das variáveis dependentes. Para Figueira (2006) esse modelo estatístico deve ser utilizado para avaliar relações entre uma variável dependente categórica e variáveis independentes.

3.1 Amostra, Fonte dos Dados e Descrição das Variáveis

A população de entidades que foram premiadas como as mais inovadoras de seus setores é composta por 125 empresas que figuram no *ranking* do Prêmio Valor Inovação Brasil no ano de 2023. Destas, foram descartadas as empresas que não divulgam seus demonstrativos financeiros, bem como as instituições financeiras e as seguradoras, corroborando com estudos como o de Silva e Tardin (2024) e Lima, Bastos e Oliveira (2024), devido à ausência de informações e às especificidades desses setores, o que limita a comparabilidade. Para garantir a comparabilidade, realizou-se um levantamento manual na CVM, identificando empresas não premiadas, mas comparáveis setorialmente. A amostra final, após o tratamento de *outliers*, totalizou 312 observações, sendo 49 premiadas e 263 não premiadas.

O modelo econométrico empregado é a Regressão Logística Binomial, adequado para estimar a probabilidade de um evento binário. A variável dependente, Desempenho, foi operacionalizada a partir do Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE), sendo categorizada como *dummy* (1 = desempenho acima da mediana; 0 = desempenho abaixo da mediana). A Tabela 1 resume a descrição e as expectativas teóricas para todas as variáveis incluídas no modelo:

Tabela 1 – Descrição das Variáveis

Variáveis	Definição/Cálculo	Tipo	Sinal Esperado	Justificativa Teórica
Premiada	<i>Dummy</i> : 1 se presente no <i>ranking</i> Valor Inovação Brasil 2023; 0 caso contrário.	Independente	Positivo (+)	Inovação como vetor de vantagem competitiva (Arbix, 2010).

Liquidez Corrente	Ativo Circulante / Passivo Circulante	Controle	Positivo (+)	Solvência de curto prazo, reduz riscos (Ames, Nunes & Silva, 2022).
Novo Mercado	<i>Dummy</i> : 1 se listada no segmento Novo Mercado; 0 caso contrário.	Controle	Positivo (+)	Associa-se a melhores práticas de governança e rentabilidade (Moura, Prado & Moraes, 2022).
Imob. PL	Imobilizado + Intangível + Investimentos / Patrimônio Líquido	Controle	Negativo (-)	Elevado investimento em ativos de longa duração reduz flexibilidade e liquidez (Backes, 2009).
Log Ativo	Logaritmo natural do Ativo Total.	Controle	Positivo (+)	Mede o porte da empresa, associado a ganhos de escala e desempenho (Silva & Santana, 2016).

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

3.2 Modelo Logit Binomial

O modelo Logit Binomial consiste em um modelo econométrico de seleção qualitativa, sendo utilizado quando a variável dependente assume apenas dois resultados possíveis, como a presença ou ausência de determinado atributo (Figueira, 2006). Esse modelo baseia-se na função logística acumulada, especificada da seguinte forma:

$$P_i = F(Z_i) = F(\alpha + \sum_j \beta_j \cdot x_{ij}) = \frac{1}{(1 + e^{-Z_i})} = \frac{1}{(1 + e^{-(\alpha + \sum_j \beta_j \cdot x_{ij})})} \quad (1)$$

Onde:

P_i — representa a probabilidade prevista de ocorrência do evento de interesse para a observação.

Z_i — corresponde ao escore linear obtido pela combinação ponderada das variáveis independentes.

α — é o termo constante (intercepto) do modelo, que ajusta a posição da curva logística.

β_j — representa o coeficiente estimado da variável explicativa j , que indica o peso ou influência dessa variável sobre a probabilidade do evento.

x_{ij} — corresponde ao valor da variável explicativa j para a observação i .

A partir de transformações algébricas, a equação anterior pode ser reescrita como:

$$\ln\left(\frac{P_i}{1 - P_i}\right) = Z_i = \beta_0 + \beta_1 x_{i1} + \beta_2 x_{i2} + \dots + \beta_k x_{ik} \quad (2)$$

A variável dependente da segunda equação representa o logaritmo da razão entre a probabilidade de ocorrência e a de não ocorrência de um determinado evento (Ferreira, Celso & Neto, 2012). Conforme descrito por Figueira (2006), em modelos em que as variáveis explicativas são contínuas e associadas a atributos específicos, deve-se utilizar um modelo Logit no qual apenas uma alternativa esteja vinculada a cada conjunto de valores assumidos pelas variáveis independentes, com base em observações individuais.

Ademais, para Scarpel e Milioni (2001), a estimação dos parâmetros do modelo deve ser realizada pelo método da máxima verossimilhança, considerado o mais adequado quando se dispõe de dados individuais que indicam a ocorrência ou não de um evento. Com base nos coeficientes obtidos para as variáveis explicativas, torna-se possível analisar o impacto dessas variáveis sobre a variação do logaritmo da probabilidade da variável dependente neste estudo, o desempenho financeiro das empresas. Para essa pesquisa, será adotado um nível de significância de 5% para avaliar o impacto das variáveis sobre o desempenho.

4. Resultados

4.1 Descrição dos dados amostrados

Por meio dos softwares Stata® e Microsoft Excel®, com base nos procedimentos relatados no tópico anterior, apresentam-se as estatísticas descritivas na Tabela 2 e 3.

Tabela 2 – Estatísticas Descritivas das Variáveis Categóricas

Variável	Nº	Classificação 1	Classificação 0	(%) - 1
Desempenho	936	438	438	50,00%
Premiação	936	147	789	15,71%
Novo Mercado	936	276	660	29,49%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A análise descritiva revela o perfil da amostra e a distribuição das variáveis centrais. A variável dependente, Desempenho, categorizada via mediana do ROE, apresenta uma distribuição perfeitamente equilibrada (50% superior / 50% inferior). O foco do estudo reside na variável independente, Premiação, reconhecimento institucional, que demonstra um alto desequilíbrio: apenas 15,71% (n = 147) das empresas receberam algum tipo de reconhecimento formal, indicando que a excelência inovadora é uma característica restrita a uma minoria da amostra, ao passo que 84,29% (n = 789) não foram premiadas, reforçando que o foco do estudo é uma característica restrita a uma minoria da amostra.

O controle para governança, Novo Mercado, que indica se a empresa é listada no segmento especial de governança corporativa da B3, abrange 29,49% das empresas listadas. Esse resultado demonstra que, embora o Novo Mercado seja associado a práticas mais rigorosas de transparência e gestão, ainda representa uma parcela minoritária das empresas listadas, sugerindo espaço para avanços no campo da governança corporativa no Brasil.

Tabela 3 – Estatísticas Descritivas das Variáveis Contínuas

Variável	Nº	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Liquidez Corrente	936	1,61	0,7546	0,01	3,83
Log Ativo	936	22,48	0,6631	18,24	27,68
Imobilização do PL	936	1,72	2,3257	0,002	39,79

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Em relação às variáveis contínuas, contidas na tabela 2, a amostra é caracterizada por organizações de médio a grande porte, conforme evidenciado pela média do Log Ativo. Os dados também revelam grande heterogeneidade em indicadores financeiros: variáveis como Imobilização do Patrimônio Líquido (média de 1,72 e desvio padrão de 2,3257) e Liquidez Corrente demonstram ampla variação entre as empresas, o que é crucial para balizar a análise dos resultados e justifica a aplicação de métodos estatísticos robustos.

Como variáveis de controle, utiliza-se o Log Ativo para mensurar o porte da empresa, sendo a amostra composta majoritariamente por organizações de médio a grande porte. A inclusão da *dummy* Novo Mercado (29,49% da amostra) controla o nível de governança corporativa. A amostra também apresenta alta heterogeneidade em variáveis de controle financeiro, como a Liquidez Corrente e a Imobilização do Patrimônio Líquido, o que exige a aplicação de métodos econométricos robustos.

4.2 Análise da Correlação

A análise de correlação constitui uma etapa preliminar essencial para a construção de modelos de regressão, visando identificar a presença de relações lineares que possam indicar multicolinearidade (Figueira, 2006). A detecção prévia é fundamental para assegurar a estabilidade e a interpretabilidade dos coeficientes do modelo. Dessa forma, ao avaliar a matriz de correlação, busca-se garantir a qualidade estatística do modelo, evitando redundâncias que possam distorcer os resultados. Neste sentido, apresentam-se as estatísticas de correlação das variáveis independentes na Tabela 4.

Tabela 4 – Matriz de Correlação das Variáveis do Modelo

Variáveis	Desempenho	Premiada	Novo Mercado	LC	Log Ativo	Imob PL
Desempenho	1,00					
Premiada	0,09	1,00				
Novo Mercado	-0,14	0,03	1,00			
LC	0,10	-0,03	0,12	1,00		
Log Ativo	0,04	0,44	0,17	-0,12	1,00	
Imob PL	-0,09	0,004	-0,06	-0,32	0,04	1,00

Fonte: Elaborado pelo Stata, com base nos dados da amostra (2025).

No âmbito da análise das relações lineares entre as variáveis financeiras e a característica de independência das empresas, a matriz de correlação revela alguns padrões interessantes e relevantes. Observa-se uma correlação positiva moderada de 0,44 entre a variável das empresas premiadas e o logaritmo natural do ativo, sugerindo que empresas de maior porte, em termos de ativos, têm uma probabilidade significativamente maior de serem contempladas pelo prêmio.

As demais correlações analisadas apresentaram-se irrelevantes, com coeficientes inferiores a 0,4 em valor absoluto. Diante disso, optou-se por excluir a variável “logaritmo natural do ativo” do modelo de regressão logística, uma vez que um dos pressupostos fundamentais da regressão logística é a ausência de multicolinearidade entre as variáveis explicativas.

4.3 Modelo da Regressão e Razão de Chances

A Tabela 5 apresenta as variáveis utilizadas no modelo estatístico logístico, juntamente com suas respectivas significâncias, apuradas por meio das estatísticas Z. Ressalta-se que, na interpretação dos resultados, é fundamental observar o sinal dos coeficientes estimados, uma vez que, nesse tipo de análise, a magnitude do coeficiente expressa o impacto da variável explicativa sobre o logaritmo da razão de chances da variável dependente, e não seu efeito marginal direto (Ferreira, Celso & Neto, 201).

Tabela 5– Modelo Logístico para Previsão do Desempenho Financeiro

Variável	Coef. (β)	Erro Padrão	Z	p-valor
Premiada	0,6159	0,1880	3,27	0,001
Novo Mercado	-0,7589	0,1504	-5,04	0,000
Liquidez Corrente	0,2777	0,0969	2,86	0,004
Imobilização do PL	-0,0783	0,0383	-2,04	0,041

Constante	-0,1897	0,2020	-0,94	0,348
-----------	---------	--------	-------	-------

p-valor do modelo = 0,0000

Fonte: Elaborado pelo Stata, com base nos dados da amostra (2025).

Segundo Figueira (2006), um p-valor global inferior ao nível de significância adotado evidencia que o conjunto das variáveis independentes possui capacidade explicativa relevante sobre a variável dependente, ainda que nem todas as variáveis sejam estatisticamente significativas de forma isolada. Nesse sentido, o p-valor do modelo estimado ($\text{Prob} > \chi^2 = 0,0000$) permite rejeitar a hipótese nula de que todos os coeficientes sejam simultaneamente iguais a zero, indicando que o modelo como um todo apresenta significância estatística e contribui para explicar a probabilidade de ocorrência do evento analisado.

A estimativa do modelo de regressão logística indicou que, entre as variáveis incluídas, as variáveis “premiada” e “liquidez corrente” apresentaram relação positiva com o desempenho financeiro, indo de acordo com a hipótese principal, H1 desse estudo e se alinha com achados de Gurgel (2021) e Silva e Santana (2016), que também identificaram uma influência positiva da inovação no desempenho. Além disso a liquidez corrente apresentou uma relação positiva e significativa com o desempenho financeiro, o que era esperado, uma vez que a disponibilidade de recursos para pagamento de dívidas e aproveitamento de oportunidades tende a reduzir riscos e aumentar a eficiência operacional (Ames, Nunes & Silva, 2022).

Por outro lado, a “Imobilização do PL” demonstrou uma relação negativa e significativa. Esse resultado sugere que um maior comprometimento do patrimônio líquido com ativos imobilizados pode estar associado a um menor desempenho financeiro (Backes et al., 2009). Tal achado reflete o comportamento esperado anteriormente.

Por fim, a variável “Novo Mercado” apresentou uma relação negativa e altamente significativa. Esse resultado, embora contraintuitivo para o senso comum de que empresas listadas no Novo Mercado possuiriam melhor governança e, por extensão, melhor desempenho, pode ser analisado à luz das discussões de Terra et al. (2015) que sugerem que fatores além da inovação ou da própria estrutura de governança, neste caso, podem influenciar o desempenho. É possível que, na amostra analisada, outros elementos, ou a dinâmica do mercado de capitais para essas empresas específicas, estejam sobrepondo os potenciais benefícios da listagem no Novo Mercado, ou que os benefícios não se traduzam diretamente em um “melhor desempenho” na métrica utilizada neste modelo.

Adicionalmente, a Tabela 6 apresenta a razão de chances (odds ratio) estimada a variável premiada do modelo logístico. Segundo Figueira (2006), a razão de chances expressa o quanto a presença de determinada característica aumenta (ou reduz) a probabilidade de ocorrência de um determinado evento, sendo especialmente útil quando as variáveis envolvidas são binárias.

Tabela 6 – Estimativa de Razão de Chances (odds ratio).

Variável	Odds Ratio	Erro Padrão	Z	P> z
Premiada	1,85137	0,3482	3,27	0,0001
Novo Mercado	0,4681	0,7040	-5,04	0,0000

Fonte: Elaborado pelo Stata, com base nos dados da amostra (2025).

No caso da variável premiada, observou-se uma razão de chances de 1,85. Isso indica que, pelo modelo estimado, indivíduos premiados apresentam uma chance 85% maior de obter bom desempenho, em comparação com indivíduos não premiados, mantendo-se constantes os demais fatores considerados no modelo. A associação positiva observada reforça o papel da premiação como um fator relevante e estatisticamente significativo para explicar o desempenho no contexto analisado.

Já em relação à variável novo mercado, observou-se uma razão de chances de aproximadamente 0,4681. Isso significa que, de acordo com o modelo estimado, empresas listadas no Novo Mercado apresentam uma chance 53,19% menor de alcançar bom desempenho financeiro, em comparação com aquelas que não integram esse segmento, mantendo-se constantes os demais fatores. Essa associação negativa e estatisticamente significativa sugere que, no contexto da amostra analisada, a presença no Novo Mercado, embora vinculada a práticas de governança mais rigorosas, não se traduziu, necessariamente, em melhor desempenho financeiro durante o período observado.

Ademais, em modelos logísticos também pode-se calcular o efeito marginal das variáveis. Segundo Figueira (2006), o efeito marginal em modelos logísticos representa a variação na probabilidade de ocorrência do evento de interesse a partir de uma mudança marginal em uma variável explicativa, mantendo as demais constantes. Esse tipo de análise é especialmente útil quando se trabalha com variáveis contínuas, pois permite mensurar com maior precisão o impacto de pequenas variações nos preditores sobre a variável dependente.

Dessa forma, a tabela 7 apresenta o resultado do efeito marginal da margem líquida em relação ao desempenho.

Tabela 7 – Efeito Marginal das Variáveis Contínuas sobre o Desempenho

Variável	Efeito Marginal	Erro Padrão	z	P> z
Liquidez Corrente	0,0694	0,0242	2.86	0,00
Imobilização do PL	-0,1957	0,0096	-2.04	0,04

Fonte: Elaborado pelo Stata, com base nos dados da amostra (2025).

Considerando o efeito marginal de 0,0694, um aumento de 1% na liquidez corrente equivalente a 0,01 em termos proporcionais está associado a um acréscimo de aproximadamente 0,06% na probabilidade de bom desempenho, mantendo-se constantes os demais fatores do modelo. Embora estatisticamente significativa, essa magnitude demonstra que a liquidez corrente, por si só, contribui de forma discreta para a variação da probabilidade de bom desempenho.

Além disso, para a variável Imobilização do PL, o efeito marginal de -0,1957 indica que um aumento de 1% nesse índice (equivalente a 0,01 em termos proporcionais) está associado a um decréscimo de aproximadamente 0,19% na probabilidade de bom desempenho, mantendo-se constantes os demais fatores do modelo. Essa magnitude, em comparação com a liquidez corrente, sugere que o índice de imobilização do PL exerce uma influência mais pronunciada na probabilidade de as empresas apresentarem bom desempenho.

Por fim, a simulação dos efeitos marginais do modelo logit estimado permite comparar dois cenários distintos, sendo um relacionado a uma empresa premiada, e outro, não premiada. Para a empresa premiada, com liquidez corrente igual a 1,5, sendo do novo mercado e tendo um índice de imobilização do patrimônio líquido de 60%, a probabilidade estimada de bom desempenho é de aproximadamente 50,9%. Já para a empresa não premiada, mantendo a mesma margem líquida de 10%, essa probabilidade sobe para cerca de 35,9%, conforme demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 8 – Simulação de Cenários

Cenário	Probabilidade Estimada de Bom Desempenho (%)
Empresa A (premiada)	50,9
Empresa B (não premiada)	35,9

Fonte: Elaborado pelo Stata, com base nos dados da amostra (2025).

Essa diferença de aproximadamente 15 pontos percentuais na probabilidade de desempenho entre as duas empresas pode ser atribuída à condição de ser premiada, já que as demais variáveis permanecem constantes. O resultado reforça a interpretação de que a premiação está positivamente associada ao bom desempenho e sugere que, para empresas com o mesmo nível de rentabilidade, aquelas reconhecidas como mais inovadoras têm chance significativamente maior de apresentar desempenho superior no modelo analisado.

4.4 Expectativa de Predição do Modelo

A análise de predição do desempenho financeiro, utilizando o modelo de regressão logística, apresentou resultados que indicam uma performance relativamente baixa, com o modelo acertando 59,29% das previsões. A matriz de confusão, que mostra o número de classificações corretas e incorretas para os casos de desempenho acima (1) e abaixo (0) da mediana ficou dessa forma:

Tabela 9 – Matriz de Confusão e Métricas de Avaliação da Previsão do Modelo

Tipo	Acertos e erros (1)	Erros e Acertos (0)	Total
Previsão (1)	290	203	493
Previsão (0)	178	265	554
Total	468	468	936
Sensibilidade	61,97%		
Especificidade	56,62%		
Valor Preditivo Positivo	58,82%		
Valor Preditivo Negativo	59,82%		
Falso + para Verdadeiro ~D	43,38%		
Falso - para Verdadeiro D	38,03%		
Falso + para Classificado +	41,18%		
Falso - para Classificado -	40,18%		
Corretamente Classificado	59,29%		

Fonte: Elaborado pelo Stata, com base nos dados da amostra (2025).

O percentual de classificações corretas foi de 59,29%, o que indica que o modelo acerta a previsão do desempenho financeiro das empresas em pouco menos de 60% dos casos. Embora esse resultado seja superior ao puro acaso (que seria 50% em uma amostra balanceada como está), ele revela uma capacidade preditiva limitada.

A sensibilidade, ou taxa de verdadeiros positivos, foi de 61,97%, o que significa que o modelo conseguiu identificar corretamente cerca de 62% das empresas que efetivamente apresentaram bom desempenho financeiro. Já a especificidade, ou taxa de verdadeiros negativos, foi de 56,62%, indicando que o modelo reconheceu corretamente pouco mais da metade das empresas que não apresentaram bom desempenho. Esses resultados sugerem uma performance moderada, com ligeira inclinação para melhor identificação dos casos positivos.

Além disso, o valor preditivo positivo de 58,82% aponta que, quando o modelo prevê que uma empresa terá bom desempenho, essa previsão está correta em aproximadamente 59% dos casos. O valor preditivo negativo é semelhante, com 59,82%, o que mostra uma taxa de acerto próxima quando o modelo prevê ausência de bom desempenho. Esses números, embora superiores ao acaso, também indicam que o modelo tem dificuldades para realizar previsões precisas e consistentes.

As taxas de falsos positivos e falsos negativos complementam esse diagnóstico. O percentual de falsos positivos entre os verdadeiros negativos foi de 43,38%, enquanto a taxa de falsos negativos entre os verdadeiros positivos foi de 38,03%. Isso evidencia que o modelo frequentemente classifica empresas erroneamente, tanto ao atribuir desempenho positivo a quem não o teve quanto ao não reconhecer quem de fato apresentou bom desempenho. As proporções de erro também se mantêm elevadas quando observamos os falsos positivos e negativos em relação às previsões feitas (41,18% e 40,18%, respectivamente).

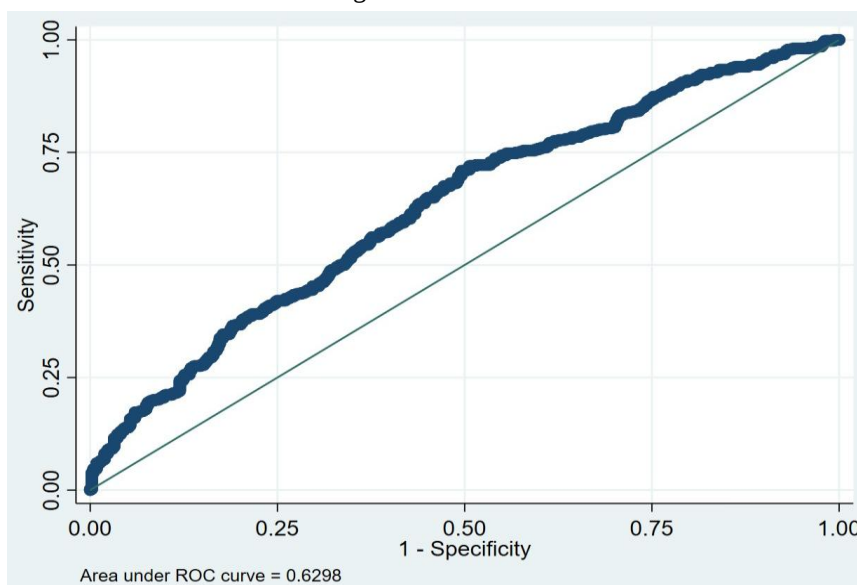
Esses resultados indicam que, embora as variáveis incluídas no modelo sejam estatisticamente significativas, o poder preditivo do modelo é limitado. Essa limitação é compreensível, considerando que o desempenho financeiro de uma empresa é um fenômeno multifatorial, influenciado por aspectos econômicos, setoriais, estratégicos, de governança, gestão de riscos, conjuntura de mercado, entre outros (Terra et al., 2015). Portanto, restringir a previsão a apenas algumas variáveis, mesmo que significativas, como premiação, novo mercado, liquidez e imobilização do patrimônio líquido, não é suficiente para uma precisão adequada do modelo.

Dessa forma, os achados reforçam que, apesar da significância estatística das variáveis analisadas, a previsão do desempenho financeiro exige modelagens mais amplas e integrativas, capazes de captar a complexidade do ambiente empresarial e os múltiplos fatores que influenciam os resultados das empresas.

Ademais, para aprimorar a qualidade do modelo, seria interessante reformular a variável dependente, utilizando o Retorno sobre o Capital Investido (ROIC), métrica que reflete de forma mais precisa a eficiência da empresa na geração de valor. Segundo Damodaran (2007), o ROIC considera o retorno obtido sobre todos os recursos aplicados, próprios e de terceiros, oferecendo uma avaliação mais fiel da performance. No entanto, diante da complexidade para estruturar esses dados a partir da base da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), optou-se neste estudo por variáveis mais simples e acessíveis.

Além disso, a curva ROC (*Receiver Operating Characteristic*), conforme definição de Figueira (2006), é amplamente utilizada para avaliar modelos de classificação binária. Ela ilustra a relação entre a sensibilidade (taxa de verdadeiros positivos) e o complemento da especificidade (taxa de falsos positivos), sendo útil para medir a capacidade discriminante do modelo e auxiliar na escolha de um ponto de corte mais adequado.

Figura 1 – Curva ROC



Fonte: Elaborado pelo Stata, com base nos dados da amostra (2025).

Neste estudo, a área sob a Curva ROC (AUC - *Area Under the Curve*) é de 0,6298. Esse valor sugere que o modelo possui uma capacidade discriminatória baixa, porém presente. Em termos práticos, significa que a probabilidade de o modelo classificar corretamente uma observação escolhida aleatoriamente de um grupo de bom desempenho, e uma observação escolhida aleatoriamente de um grupo de mau desempenho, é de aproximadamente 62,98%. Embora esse não seja um valor que indique uma capacidade discriminatória "excelente" (que se aproximaria de 1) e esteja mais próximo do acaso (0,5), o valor de 0,6298 é superior a 0,5. Isso indica que, mesmo com um poder preditivo baixo, o modelo possui um mínimo de capacidade em diferenciar as empresas com bom desempenho financeiro daquelas sem bom desempenho.

4.5 Análise da Hipótese do Modelo

A hipótese H1 deste estudo pressupõe que empresas premiadas no Prêmio Valor Inovação Brasil apresentam probabilidade maior de alcançar desempenho financeiro superior ao das demais. A estimação do modelo logístico confirma essa hipótese, evidenciando que a variável “premiada” é estatisticamente significativa e associada a uma razão de chances de 1,85. Isso indica que empresas reconhecidas pelo prêmio possuem 85% mais chances de apresentar um ROE acima da mediana do mercado. Este achado encontra respaldo em Silva e Santana (2016) e Castro, Silva e Paula (2020), que identificaram influência positiva da inovação, medida pelo porte e pelos investimentos em P&D sobre a rentabilidade em empresas brasileiras e colombianas.

Contudo, esse resultado diverge de estudos como os de Terra et al. (2015), que não identificaram relação positiva entre inovação e lucratividade em indústrias de equipamentos e produtos químicos, e de Santos et al. (2016), cujos achados sugerem que, embora empresas mais inovadoras apresentem melhor desempenho em alguns indicadores, não há efeito significativo sobre a rentabilidade de curto prazo. Essa divergência pode estar relacionada à abrangência dos critérios adotados pelo Prêmio Valor Inovação Brasil, que capturam dimensões mais estratégicas da inovação, como o posicionamento competitivo, a reputação institucional, a capacidade de execução e a integração de práticas inovadoras ao modelo de negócio elementos que muitas vezes escapam de métricas tradicionais e restritas a ativos intangíveis e gastos com P&D.

Além dos achados empíricos que confirmam a hipótese de que empresas premiadas no Prêmio Valor Inovação Brasil apresentam maior probabilidade de desempenho financeiro superior, é importante considerar o contexto contemporâneo que potencializa a relevância da inovação como diferencial competitivo. Nos últimos anos, a transformação digital, as crescentes exigências por sustentabilidade e as mudanças regulatórias têm ampliado a complexidade do ambiente de negócios, favorecendo organizações capazes de se adaptar de forma ágil e inovadora (Riccotta & Costa, 2022).

Esse cenário sugere que o reconhecimento formal da inovação por meio do prêmio não apenas reflete esforços isolados em pesquisa e desenvolvimento, mas uma maturidade organizacional que integra práticas inovadoras ao modelo de negócio, à cultura e à estratégia corporativa, criando vantagens sustentáveis diante das demandas atuais do mercado.

Adicionalmente, a inteligência artificial surge como uma força catalisadora dessa inovação, possibilitando a automação de processos, análises preditivas e a criação de novos modelos de negócio, o que contribui para uma gestão mais eficiente, precisa e transparente (Rezende & Fernandes, 2025). Embora a inclusão dessa dimensão exija alinhamento prévio no referencial teórico para preservar a coerência do trabalho, é inegável que a IA tem um papel

cada vez mais central na transformação digital das organizações, complementando e potencializando a inovação sustentável.

Portanto, o desempenho superior das empresas premiadas pode ser interpretado não apenas como resultado de investimentos em inovação, mas também como consequência da capacidade dessas organizações em navegar com sucesso o atual ambiente de mudanças rápidas e complexas, adotando tecnologias emergentes e alinhando suas estratégias aos novos paradigmas econômicos e sociais. Portanto, ao considerar tanto as diferenças metodológicas quanto o cenário mais recente e desafiador enfrentado pelas empresas, os resultados deste estudo reforçam a hipótese de que o reconhecimento formal da inovação representa um diferencial competitivo relevante. Assim, conclui-se que a premiação sinaliza uma maturidade inovadora que, em contextos complexos, torna-se ainda mais valiosa para impulsionar o desempenho financeiro.

5. Conclusão

Esta pesquisa investigou a relação entre inovação e desempenho financeiro no contexto brasileiro, com foco em empresas reconhecidas pelo Prêmio Valor Inovação Brasil. Por meio de um modelo de regressão logística binomial aplicado a uma amostra de 312 empresas no período de 2021 a 2023, confirmou-se a hipótese (H1) de que o reconhecimento por inovação está positivamente associado a um desempenho financeiro superior.

Essa constatação valida o Prêmio Valor Inovação Brasil como uma *proxy* eficaz para práticas inovadoras e reforça a Visão Baseada em Recursos (RBV), segundo a qual a inovação representa um recurso estratégico capaz de gerar valor econômico e vantagem competitiva sustentável (Schumpeter, 1997; Conto, Júnior & Vaccaro, 2016).

Os resultados também evidenciaram o papel significativo das variáveis de controle liquidez corrente e imobilização do patrimônio líquido na explicação do desempenho financeiro. A pesquisa contribui para o debate ao alinhar contabilidade, finanças e gestão da inovação, utilizando uma variável qualitativa de reconhecimento em conjunto com indicadores financeiros. Destaca-se como contribuição metodológica a exclusão da variável porte (Log Ativo), devido à multicolinearidade com a variável Premiada, o que ressalta os cuidados necessários na especificação de modelos estatísticos.

Reconhecem-se, no entanto, algumas limitações. A adoção do prêmio como única *proxy* de inovação pode deixar de captar algumas empresas que não optaram por realizar a inscrição no prêmio, além de possivelmente favorecer empresas maiores e mais visíveis. A delimitação temporal de três anos também pode restringir a observação de efeitos de longo prazo. Ademais, a ausência de variáveis que distingam tipos e intensidades de inovação limita a compreensão dos diferentes impactos gerados.

Diante disso, propõe-se que pesquisas futuras explorem novas métricas de inovação, juntamente com a abordagem do prêmio Valor Inovação como gastos em P&D, número de patentes ou indicadores de transformação digital e adotem modelos de dados em painel, com maior amplitude temporal e setorial, para captar com maior precisão os efeitos dinâmicos da inovação. Investigações qualitativas ou estudos de caso também podem contribuir para entender melhor fenômenos como a correlação negativa entre governança avançada e desempenho. A inclusão de variáveis como grau de governança corporativa, intensidade de capital humano e ciclo de vida da empresa também podem auxiliar na melhora da previsão do modelo logístico.

Ademais, outra vertente promissora para aprofundamento é a análise setorial dos dados. Dado que o impacto da inovação pode variar significativamente entre setores da economia, uma segmentação por indústria permitiria identificar dinâmicas específicas e relações mais precisas entre inovação e desempenho financeiro. Esse tipo de análise pode evidenciar em quais

setores o reconhecimento por inovação se traduz de forma mais efetiva em vantagem competitiva, subsidiando decisões estratégicas mais alinhadas ao contexto setorial.

Em suma, esta pesquisa avança o debate ao oferecer evidências empíricas sobre os impactos da inovação no desempenho financeiro, com base em dados do cenário brasileiro contemporâneo. Ao destacar a importância do reconhecimento da inovação como indicador de valor e desempenho, o estudo oferece subsídios relevantes para gestores, investidores e formuladores de políticas públicas que buscam fomentar um ambiente empresarial mais inovador, competitivo e financeiramente sustentável.

Referências

- Agostini, M. R., Vieira, L. M., Tondolo, R. D. R. P., & Tondolo, V. A. G. (2017). Uma visão geral sobre a pesquisa em inovação social: Guia para estudos futuros. *BBR. Brazilian Business Review*, 14, 385-402. <https://doi.org/10.15728/bbr.2017.14.4.2>.
- Ames, A. C., Nunes, R. V., & Silva, T. P. D. (2022). Liquidez em caixa e as restrições financeiras no desempenho de mercado das empresas brasileiras. *Revista Contabilidade & Finanças*, 33, e1391. <https://revistas.usp.br/rcf/article/view/203265>.
- Arbix, G. (2010). Estratégias de inovação para o desenvolvimento. *Tempo Social*, 22, 167-185. <https://www.scielo.br/j/ts/a/JGc3cGT8dZr3KLBnLmg9wKz/>.
- Backes, N. A., da Silva, W. V., Adão, W. J., & Del Corso, J. M. (2009). Indicadores contábeis mais apropriados para mensurar o desempenho financeiro das empresas listadas na BOVESPA. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 2(1), 117-135. <https://doi.org/10.19177/reen.v2e12009117-135>.
- Brito, E. P. Z., Brito, L. A. L., & Morganti, F. (2009). Inovação e o desempenho empresarial: lucro ou crescimento?. *RAE eletrônica*, 8. <https://doi.org/10.1590/S1676-56482009000100007>.
- Carmona, L. J. D. M., & Gomes, G. (2021). Efeito mediador do desempenho inovador na relação entre aprendizagem, capacidade de inovação e desempenho organizacional. *Race: revista de administração, contabilidade e economia*, 20(1), 63-88. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7916086>.
- Cavalcante, P., Camões, M., Cunha, B., & Severo, W. (2017). Inovação no setor público: teoria, tendências e casos no Brasil. <http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/2989>.
- Cintra, L. P., & Barbosa, A. (2012). Inovação, competências e desempenho organizacional: articulando constructos e sua operacionalidade. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 4(1), 31-60. <https://revistafuture.org/FSRJ/article/view/76>.
- Conto, S. M. D., Antunes, J. A. V., & Vaccaro, G. L. R. (2016). A inovação como fator de vantagem competitiva: estudo de uma cooperativa produtora de suco e vinho orgânicos. *Gestão & Produção*, 23(2), 397-407. <https://www.scielo.br/j/gp/a/fVy99BkFcFXnXTWJ6hndhVP/abstract/?lang=pt>.
- Damodaran, A. (2007). Return on capital (ROC), return on invested capital (ROIC) and return on equity (ROE): Measurement and implications. *Return on Invested Capital (ROIC) and Return on Equity (ROE): Measurement and Implications* (July 2007). https://www.researchgate.net/publication/228319144_Return_on_CapitalROC_Return_on_Invested_Capital_ROIC_and_Return_on_Equity_ROE_Measurement_and_Implications.

- Ferreira, M. A. M., CELSO, A. S. D. S., & Neto, J. E. B. (2012). Aplicação do modelo logit binominal na análise do risco de crédito em instituições bancárias. *Revista de Negócios*, 17(1), 38-55. <https://doi.org/10.7867/1980-4431.2012v17n1p38-55>.
- de Almeida Adriano, N., Trindade Medeiros, J., Carvalho de Vasconcelos, A., & Mendes De Luca, M. M. (2020). Divulgação de despesas com P&D versus inovação: um estudo nas empresas listadas na B3. *Advances in Scientific & Applied Accounting*, 13(2).
- de Castro, R. G., da Silva, J. F., & de Oliveira Paula, F. (2020). Inovação de serviço e seu impacto no desempenho financeiro. *Revista Pretexto*, 86-102. <https://doi.org/10.21714/pretexto.v21i1.7195>.
- de Lima, F. N. B., Bastos, S. A. P., & de Oliveira, E. S. (2024). Análise da Administração do Capital de Giro e sua Influência na Rentabilidade: Um Estudo de empresas de Capital Aberto na Bolsa de Valores Brasileira. *Revista de Administração FACES Journal*. <https://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/9724>.
- de Mello Rezende, G. U., & Fernandes, A. B. (2025). Transformação digital na contemporaneidade: IA no controle interno como ferramenta estratégica. *Revista de Gestão e Secretariado*, 16(2), e4647-e4647. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4647>.
- de Souza Moura, T. L., da Silva Prado, A. G., & de Oliveira Moraes, M. A. (2022). Rentabilidade no novo mercado de governança corporativa da B3: Estudo com Empresas do Setor de Construção Civil. *Revista Paraense de Contabilidade*, 7(1), 57-72. <https://crcpa.org.br/revistaparaense/index.php/crcpa>
- dos Santos, J. G. C., Góis, A. D., Rebouças, S. M. D. P., & da Silva Filho, J. C. L. (2016). Efeitos da inovação no desempenho de firmas brasileiras: Rentabilidade, lucro, geração de valor ou percepção do mercado?. *Revista de Administração da UNIMEP*, 14(3), 165-193. <https://www.redalyc.org/pdf/2737/273749459007.pdf>.
- Figueira, C. V. (2006). Modelos de regressão logística.
- Floriani, R., Beuren, I. M., & Hein, N. (2013). Reflexos das inovações nos índices de rentabilidade de empresas. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 7(2), 96-115. <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11130>.
- Fonseca, Y. D. D., & Bruni, A. L. (2010). Técnicas de avaliação de investimentos: uma breve revisão da literatura. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25449>.
- Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- Gurgel, D. M. P. (2021). Inovação, sustentabilidade e desempenho econômico-financeiro: uma análise das empresas persistentemente listadas no prêmio Valor Inovação Brasil e no ISE. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57727>.
- Jacoski, C. A., Dallacorte, C., Bieger, B. N., & Deimling, M. F. (2014). Análise do desempenho da inovação regional-Um estudo de caso na indústria. *RAI Revista de Administração e Inovação*, 11(2), 71-88. <https://doi.org/10.5773/rai.v11i2.1049>.
- Kim, L., & Nelson, R. R. (Eds.). (2005). Tecnologia, aprendizado e inovação: as experiências das economias de industrialização recente. Editora Unicamp.
- Lopes, H. C., & Conceição, O. A. C. (2023). Investimentos e inovação no Brasil

- contemporâneo: uma interpretação pós-keynesiana e neoschumpeteriana das decisões dos empreendedores brasileiros. *Economia e Sociedade*, 32(2), 333-354. <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2023v32n2art04>.
- Moreira, É. T., & Stramar, A. R. (2014). Modelo holístico da gestão da inovação com ênfase na cooperação, flexibilidade e adaptação. *RAI Revista de Administração e Inovação*, 11(4), 193-212. <https://revistas.usp.br/rai/article/view/100279>.
- OCDE. **Manual de Oslo**: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3. ed. Paris: OCDE, 2005. http://www.finep.gov.br/images/afinep/biblioteca/manual_de_oslo.pdf.
- Riccotta, R., & Costa, I. (2022). O impacto da transformação digital na sustentabilidade e a gestão do conhecimento em uma empresa de manufatura: um estudo de caso. *Perspectivas Em Gestão & Conhecimento*, 12, 66-85.
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, 1(1), 1-15. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>.
- Santos, D. F. L., Monteiro, L. O., Marques, K. M., & Montoro, S. B. (2023). O impacto dos sistemas regionais de inovação no desempenho financeiro das empresas no Brasil. *Interações (Campo Grande)*, 24, 1021-1038. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/inter.v24i3.3620>.
- Scarpel, R. A., & Milioni, A. Z. (2001). Aplicação de modelagem econométrica à análise financeira de empresas. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 36(2). <http://rausp.usp.br/wp-content/uploads/files/v36n2p80a88.pdf>.
- Schumpeter, J. A. (1964). *Business Cycles: A theoretical, historical and statistical analysis of the Capitalist process*, 1939. Acessado em, 4.
- Schumpeter, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- Schumpeter, J. A. (1964). *História da análise econômica*. Fundo de Cultura.
- Schumpeter, J. A. (1982). *L'essenza ei principi dell'economia teorica* a cura di G. Calzoni, Laterza, Roma-Bari.
- Schumpeter, J. A. (1961). *Teoria do desenvolvimento econômico* (pp. 81-129). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=69672&forceview=1>.
- Schumpeter, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Série Os Economistas).
- Silva, A. W. M. D., & Tardin, N. (2024). A Legibilidade das Demonstrações Financeiras e o custo de Capital de Terceiros. *Pensar Contábil*, 26(89). <https://fucape.br/producao-academica-1/a-legibilidade-das-demonstracoes-financeiras-e-o-custo-de-capital-de-terceiro-2/>.
- Silva, L. C., & de Santana, J. R. (2015). Influência da inovação e do tamanho sobre o desempenho de empresas industriais: Uma análise para o Brasil e regiões. *Revista Econômica do Nordeste*, 46(3), 9-25. DOI: 10.61673/ren.2015.257.

<https://www.bnb.gov.br/revista/ren/article/view/257>.

Simantob, M., & Lippi, R. (2003). Guia valor econômico de inovação nas empresas. Globo Livros.

Sousa, Á. (2019). O papel da distribuição normal na Estatística. Correio dos Açores, 14-14. https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/5363/1/Sousa_10%20out%202019.pdf.

Souza, N. D. A. & Areas, M. S. M. O Impacto da inovação na geração de receita de setores industriais no Brasil. Anais da Semana de Economia (Campos), v. 4, n. 1, p. 17-19, 14 nov. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/seeco/article/view/64786/37993>.

Strategy&. **Prêmio Valor Inovação Brasil 2024.**
<https://www.strategyand.pwc.com/br/pt/inovacao-brasil-2024.html>.

Terra, N. M., Barbosa, J. G. P., & Bouzada, M. A. C. (2015). A influência da inovação em produtos e processos no desempenho de empresas brasileiras. RAI Revista de Administração e inovação, 12(3), 183-208. <https://www.revistas.usp.br/rai/article/view/101363>.

Tigre, P. (2013). Gestão da inovação: a economia da tecnologia no Brasil (Vol. 1). Elsevier Brasil. <https://adm2016sjcampos.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/03/gestao-da-inovacao-paulo-tigre.pdf>.

Vargas, M., Radaelli, A. B., Kloc, A. E., Ferreira, M. A. N., & Sá, H. A. (2023). Análise da produção científica sobre política de inovação: uma perspectiva schumpeteriana de inovação. Brazilian Journal of Information Science, (17), 54. <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/15417>.

Vieira, L. D. F. T. (2024). Além do Convencional: Inovação como Diferencial Competitivo e garantia de Continuidade. Revista Tópicos, 2(7), 1-13. <https://revistatopicos.com.br/artigos/alem-do-convencional-inovacao-como-diferencial-competitivo-e-garantia-de-continuidade>.